

BRASIL ALFABETIZADO: O DISCURSO DOCENTE FRENTE O MODELO DE PRÁTICA LIBERTADORA DE ENSINO DE JOVENS ADULTOS E IDOSOS

Adrilene Souza Bento; Orientadora: Profa. Crígina Cibelle Pereira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN
adrilene.souza2907@hotmail.com

Resumo: Discutir a alfabetização enquanto aspecto fundante na formação de jovens, adultos e idosos é uma tarefa desafiadora, uma vez que muitas têm sido as discussões circundantes em volta desta temática. Para discuti-la dispusemo-nos a realizar um estudo que está apresentado em três abordagens breves, mas que dialogam entre si. A princípio, discutimos sobre a alfabetização enquanto prática libertadora e que se dá por meio do diálogo; em seguida, apresentamos algumas considerações didático-metodológicas acerca do método criativo pensado para a educação de jovens, adultos e idosos; e, por fim, trazemos algumas reflexões pautadas em depoimentos de uma alfabetizadora do Programa Brasil Alfabetizado, contexto no qual se insere a discussão apresentada. Para tanto, nos respaldamos nos pressupostos de Freire (1989; 1996; 1997; 2001) que muito têm contribuído para pesquisas nesta área e que versam sobre uma alfabetização libertadora, no sentido de considerar a realidade social e cultural dos alfabetizandos. Em suma, acreditamos que as discussões trazem importantes contribuições para as pesquisas inerentes às práticas educativas de alfabetização, especialmente de adultos e idosos, bem como reflexões essenciais sobre a forma como essas práticas necessitam ser pensadas.

Palavras-chave: Educação libertadora, Alfabetização de jovens, adultos e idosos, Prática educativa.

Introdução

A educação de jovens e adultos ainda tem sido ponto de discussão de muitos encontros e estudos teórico-metodológicos, assim como as contribuições de Paulo Freire desde a década de 60, que têm enriquecido as pesquisas na área. A preocupação cada vez mais recorrente em se discutir sobre essa questão tem se dado em virtude do interesse em refletir sobre o índice de analfabetismo no Brasil.

Segundo informações apresentadas no próprio Portal do Ministério da Educação, o índice de redução de analfabetismo no Brasil vem sendo reduzido nos últimos anos e isso é percebido quando em 2004, por exemplo, o analfabetismo no país era de 11,5% e em 2012 passou a ser 8,7%. Essa redução se deu em virtude do investimento em políticas públicas por meio de ações do governo federal em parceria com os governos estaduais e municipais, como por exemplo o Programa Brasil Alfabetizado. Só entre 2008 e 2012 mais de 6 milhões de jovens e adultos foram beneficiados pelo programa, o que representa um passo significativo para o enfrentamento de um problema ainda recorrente em nosso país.

O Programa Brasil Alfabetizado (PBA) tem como objetivo promover a alfabetização de jovens, adultos e idosos e superar o analfabetismo no país, bem como contribuir para a universalização do ensino básico, sobretudo o ensino fundamental que é a fase destinada às competências básicas do educando. O programa tem ofertado atendimento a jovens e idosos, principalmente das camadas mais populares, por meio de uma bolsa a alfabetizadores que recebem formação destinada para tal atividade. No entanto, recentemente o PBA está inativo e não deu prosseguimento às suas práticas, embora o Brasil ainda mantenha com uma população significativa que se encontra neste contexto.

Diante desta realidade, nosso trabalho objetiva apresentar uma pesquisa que tem em seu cerne a educação como prática de liberdade e que busca refletir a alfabetização de jovens e adultos enquanto atividade que prioriza o conhecimento e a leitura de mundo dos educandos. Para isso, nos propomos a coletar depoimentos de uma alfabetizadora do Programa Brasil Alfabetizado afim de refletirmos sobre sua prática e até que ponto ela dialoga com os pressupostos freirianos, uma vez que a formação do próprio programa é pautada no conceito de educação e alfabetização propostos por Paulo Freire.

Sendo assim, buscamos, num primeiro momento, discutir sobre a alfabetização enquanto prática libertadora e que se dá por meio do diálogo, bem como trazer algumas

reflexões didático-metodológicas acerca de um método criativo pensado para a educação de jovens adultos e idosos. Para tanto, nos respaldamos nos pressupostos de Freire (1989; 1996; 1997; 2001) afim de compreendermos como se dá essa educação (trans)formadora pautada na realidade cultural e social dos alfabetizandos tão defendida por Paulo Freire.

Aspectos metodológicos da pesquisa

Este trabalho toma como pano de fundo uma pesquisa acerca do Programa Brasil Alfabetizado e busca refletir sobre a educação como prática libertadora na educação de jovens adultos e idosos. Assim, adotamos uma pesquisa qualitativa por entendê-la, conforme Oliveira (2008, p. 37), enquanto “processo de reflexão e análise da realidade”, ou seja, um estudo de cunho interpretativo que analisa a realidade de uma professora alfabetizadora que participou de várias etapas do programa, ao passo em que refletimos seus depoimentos diante da prática apresentada pelo contexto de pesquisa.

Levando em consideração o próprio processo de análise dos dados, adotamos um método indutivo. Nesse aspecto, nos fundamentamos em Bogdan e Biklen (2006) ao metaforizarem esse método como um funil, no sentido de que à medida que se vai interpretando os dados é que chegamos às questões mais fechadas, mais específicas, pois o nosso propósito é exatamente utilizar parte do estudo para que possamos perceber questões mais relevantes.

Nesse sentido, utilizamos uma entrevista como principal instrumento, para que assim pudéssemos manter um contato mais próximo com o nosso sujeito de pesquisa. Desse modo, trazemos para este trabalho algumas reflexões de depoimentos de uma alfabetizadora de uma cidade do interior do Rio Grande do Norte, com o intuito de verificarmos como se deu o processo de alfabetização no Programa Brasil Alfabetizado, ao passo em que compilamos com as contribuições freirianas acerca do mediar e do fazer alfabetizar que vai muito além da simples junção aleatória de sílabas para formar palavras.

Considerando um contexto muito maior de nossa pesquisa, buscamos, para fins deste trabalho, apresentar apenas alguns excertos que são mais preponderantes frente ao nosso objetivo principal.

O alfabetizar por meio do diálogo: uma prática libertadora

Como bem sabemos, a história da educação é marcada fortemente por um período tradicionalista e pela decoreba que esteve presente no cenário brasileiro anos a fio, desde a educação jesuítica até os dias atuais. A preocupação do professor, durante anos, foi repassar o conteúdo e “empurrar” na cabeça dos alunos um sem-número de matéria decorativa. É bem verdade que ensinar não é uma tarefa fácil e requer uma série de tomadas de decisões, dentre elas, a pesquisa.

O professor precisa compreender que ensinar é uma atividade que não pode ser dissociada da busca, da procura incessante pelo conhecimento e, conseqüentemente, pela forma como encara o seu ensino em sala. Enquanto educador, o alfabetizador também precisa pesquisar, segundo Freire (1996, p. 16), “[...] para constatar, pois constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo.” Nesse sentido, ao pesquisar, o docente além de conhecer, educa e tem a oportunidade de educar e anunciar o aprendido aos seus discentes de maneira inovadora, pois a pesquisa permite também reflexão da prática, de modo que, refletindo o seu fazer pedagógico, o professor vai buscando alternativas sem precisar, por exemplo, impor aos seus alunos que decorem matérias e mais matérias que parecem não fazer sentido algum com a realidade deles.

Na verdade, além de pesquisador o professor é também mediador do processo ensino-aprendizagem, pois em sua prática necessita sempre ter o outro (que são seus alunos) como referência, dialogar com ele, afinal, os sujeitos se constituem exatamente por meio da dialogicidade, é através da interação e do outro que o indivíduo se forma, transforma e autoforma. Em seus pressupostos, Bakhtin (2003) traz essa ideia de comunicação enquanto atividade discursiva que se dá por meio do diálogo entre os sujeitos nos mais diferentes contextos sociais. Nessa perspectiva, os sujeitos utilizam da palavra para formar seu discurso, ou seja, o que é construído verbalmente é sempre direcionado a alguém que recebe ou não esse dizer, que devolve a palavra com, também, o seu discurso. É nessa relação sociocomunicativa, e por isso interativa, que os sujeitos vão se autoformando, ensinando e aprendendo conjuntamente.

No contexto de alfabetização também não deve ser diferente, pois o alfabetizando é compreendido não como um sujeito passivo, que apenas recebe a mensagem repassada pelo professor, que precisa só observar o quadro com as inúmeras sílabas, juntá-las e formar a palavra que o professor escolheu para “ensinar”. Pelo contrário, o alfabetizando tem o conhecimento de mundo que precisa ser respeitado e

(re)considerado no seu processo de aprendizagem, pois, assim, o ensino passar a ter uma carga valorativa muito maior para o aluno que se reconhece também enquanto sujeito da atividade educativa.

É preciso que tenhamos esclarecido que não se trata de o professor somente respeitar e considerar os saberes que os alunos levam para a escola, principalmente os alfabetizados das camadas mais populares – saberes esses, inclusive, que foram construídos na sua comunidade – é necessário “[...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.” (FREIRE, 1996, p. 16). Ou seja, adiantaria o alfabetizador dar voz ao aluno (liberdade) e esse aluno apresentar a sua realidade sem conseguir relacionar ao que está aprendendo (formação)? O que Paulo Freire vem discutir é a exatamente a ideia de uma educação libertadora, mas também formadora.

A ideia de dialogicidade no processo de alfabetização parece ter conseguido atingir um aspecto relevante no que concerne à discussão sobre ensino e aprendizagem de jovens e adultos analfabetos. Sobre isso, Freire (1997, p. 117) afirma que

Daí que o papel do educador seja fundamentalmente dialogar com o analfabeto, sobre situações concretas, oferecendo-lhe simplesmente os instrumentos com que ele se alfabetiza. Por isso, a alfabetização não pode ser feita de cima para baixo, como uma doação ou uma imposição, mas de dentro para fora, pelo próprio analfabeto, apenas com a colaboração do educador.

De acordo com essa ideia, percebemos uma alfabetização que se dá por meio da mediação do educador, pois o seu papel não é, em hipótese alguma, o de impor ou de considerar-se dono da razão. O ensino com analfabetos, segundo Freire (1997), deve acontecer por meio do diálogo, com situações do cotidiano deles, pois a alfabetização ocorre pelo próprio alfabetizando.

Método de ensino criativo: considerações didático-metodológicas

É bem verdade que quando tratamos de ensino não podemos fechar um modelo como pronto e acabado e acreditar que ele é infalível e será o solucionador de todos os problemas e dificuldades da educação. Porém, nos respaldamos nas pesquisas realizadas por Paulo Freire por compreendermos o seu método de alfabetização como eficaz e que foi desenvolvido por

ele com êxito numa época, inclusive, em que as dificuldades com a educação, o acesso e os desafios eram ainda maiores.

A perspectiva de uma educação como prática da liberdade concebe um método de ensino ativo que propõe a criticidade dos alunos através de situações desafiadoras que contemplam a realidade existencial do grupo. Muito diferente da educação bancária que, como o próprio nome sugere, diz respeito a um ensino pautado apenas no “depósito” de informações nos alunos que, como seres passivos, têm a função única de receber o conhecimento. Sobre esse ensino, Freire (1996, p. 13) apresenta uma crítica de recusa no sentido de que a educação bancária

[...] deforma a necessária criatividade do educando e do educador, o educando a ele sujeitoado pode, não por causa do conteúdo cujo "conhecimento" lhe foi transferido, mas por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz na linguagem popular, a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do "bancarismo".

É com base nessa recusa à educação bancária que a educação como prática da liberdade ganha força, por oportunizar ao aluno exatamente o oposto à submissão, à opressão. Afinal, a ideia de ensino deve estar vinculada não à transferência, mas sim à construção de conhecimento, o ato de ensinar deve estar associado à criação de possibilidades, pois o alfabetizando precisa sentir-se estimulado pela busca do seu progresso. Para tanto, é essencial que educador e educandos, enquanto sujeitos interativos, reconheçam a postura dialógica de ambos que é movida pela indagação e curiosidade.

Muitos alfabetizadores até compreendem a importância da pedagogia como prática de liberdade, porém o processo de como lidar com o ensino da leitura e da escrita com analfabetos, sobretudo adultos e idosos, é que parece ter sido cada vez mais conflitante. Porém, Freire (1989, p. 13) discute que o professor precisa refletir sobre o seu papel na alfabetização, por exemplo, quando deseja que os alfabetizados aprendam determinada palavra. Primeiro, a palavra precisa fazer parte do universo dos alunos, segundo, o grupo precisa não só escrever as letras e formar as sílabas, é preciso sentir, perceber, tocar, ou seja, aquilo que estão aprendendo precisa ser real para que a expressão oral possa ser recriada para a expressão escrita.

Não nos enganemos, escrever e ler são atividades que aprendemos praticando. Na alfabetização, a leitura, inclusive, é fundamental tanto no processo de escrita, como no processo mesmo de leitura. Mas, a leitura que nos referimos é aquela carregada de sentido, de reflexões, que vai além da simples decodificação de signos, na verdade o que precisamos é “[...] praticar para aprender e aprender para praticar melhor. Vamos ler.” (FREIRE, 1989, p. 27)

O processo de alfabetização deve ser compreendido como uma atividade que se dá por meio da prática de algumas fases e que faça sentido principalmente para o sujeito que está sendo alfabetizado. Freire (1997) propõe algumas etapas que podem ser executadas pelo professor alfabetizador, tais como: a princípio, o professor precisa conhecer o vocabulário dos alunos; depois, seleciona esse vocabulário; produz em conjunto com o grupo algumas situações existenciais típicas e recorrentes do vocabulário escolhido; em seguida, produz fichas-roteiro para que possa orientar o debate e organizar a discussão, e só depois é que inicia o processo de decomposição das palavras geradoras (aquelas que nortearão a aprendizagem), ou seja, a alfabetização propriamente dita.

Em suma, percebemos que o método Paulo Freire se trata de uma organização metodológica, pensada, planejada e possível de ser desenvolvida no processo de alfabetização de jovens, adultos e idosos. É claro que, em se tratando de ensino, o professor precisa adequar o método à sua realidade, precisa estar em constante reflexão sobre sua prática, mas sem esquecer que a aprendizagem não se dá de cima para baixo e que ensinar e aprender não se dá fora do diálogo nem da relação interativa entre professor e alunos.

Relação entre alfabetizador e alfabetizando: reflexões sobre educação de jovens, adultos e idosos

Como apresentamos na parte introdutória de nosso trabalho, esta pesquisa adota como *corpus* depoimentos de uma professora alfabetizadora de jovens, adultos e idosos que será identificada como PAJAI-X, do Programa Brasil Alfabetizado (PBA). Sendo assim, apresentamos alguns depoimentos, *ipsis litteris*, de sua experiência nesse contexto de alfabetização e, para isso, nos propomos a questionar alguns pontos, tais como: o perfil dos alunos que foram alfabetizados, os instrumentos e procedimentos adotados no processo de alfabetização, as temáticas trabalhadas e como as aulas foram organizadas, qual o lugar dos alfabetizados nesse processo, bem como as contribuições tanto para a formação cidadã dos

alunos como para a professora.

Como temos discutido, a alfabetização deve ser pensada levando em consideração o contexto do grupo, de modo que o alfabetizador intervenha conforme a realidade dos alfabetizandos. Segundo a professora, os sujeitos de sua sala de aula eram

Quadro 1 – Contexto de realidade dos alfabetizandos

Geralmente eram pessoas que trabalham na agricultura, né? Outras, donas de casa, empregadas domésticas. A maioria das vezes chegavam cansados, mas como o desejo no olhar de aprender algo naquela sala de aula. (PAJAI-X).

Fonte: Elaborado pela autora

Conforme as palavras da educadora, o grupo de alunos era composto por pessoas de classe popular e trabalhadores rurais. Nesse sentido, é preciso, como nos diz o próprio Freire (1989, p. 13), que a alfabetização venha do “[...] universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. ”

Pensando nessa perspectiva, questionamos como acontecia a seleção das palavras para o processo de alfabetização e quais temáticas trabalhadas. A alfabetizadora respondeu que

Quadro 2 – Palavras utilizadas no processo de alfabetização

Ah, a gente sempre partia de uma palavra geradora que surgia, é, em uma roda de conversa, sabe? Onde eu buscava com os alunos o estudo dessa palavra, focando no meu objetivo de ensino. Esses educandos trazem consigo uma carga grande de conhecimentos e sabedoria, e isso facilitava meus planos de aula. (PAJAI-X)

Fonte: Elaborado pela autora

A fala da professora, já no início, nos apresenta um discurso bem freiriano quando menciona que o ensino partia de *uma palavra geradora* identificada *numa roda de conversa*. Nesse sentido, percebemos uma alfabetização que não é autoritária, que se dá enquanto ato político e que considera a realidade na qual o processo de ensinar

e aprender está inserido. Além do reconhecimento, por parte da educadora, no que diz respeito aos outros conhecimentos que os alfabetizados levam para as aulas e a sabedoria que carregam de uma vida de muita experiência e que não pode ser negligenciada.

O processo de alfabetização precisa contemplar outros aspectos inerentes ao ensino, tais como o letramento. É indispensável que o professor, em sua mediação, preocupe-se com isso e vá muito além de ensinar o ato mecânico de separar sílabas, pois a palavra precisa ter lugar de sentido no contexto diário do alfabetizado. No que diz respeito a esse alfabetizar contextualizado e rememorando a fala dos seus alunos, a professora afirma que um dos momentos mais gratificantes foi

Quadro 3 – Alfabetização contextualizada

Bom, ver eles alcançando o que mais queriam que era assinar seu próprio nome, resolver uma conta escrita no papel, fazer a leitura de um calendário... Algo muito simples, mas para eles era de extrema importância. (PAJAI-X)

Fonte: Elaborado pela autora

Como podemos perceber, a alfabetização não condiz necessariamente com a prática de elaboração de listas e mais listas de palavras desconexas, o alfabetizar pode, perfeitamente, estar relacionado com as práticas comunicativas dos alfabetizados, nas quais necessitam do uso e da compreensão da palavra, daquela que não é estática, muda, mas a palavra que também supre das necessidades cotidianas. E todo esse processo precisa ser considerado pelo alfabetizador que humaniza, pois o professor muitas vezes “[...]mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto [...] aparentemente insignificante e como pode valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo.” (FREIRE, 1996, p. 24, grifos nossos).

O papel do diálogo é essencial para a alfabetização, pois é por meio da palavra do aluno que o professor forma e transforma o conhecimento do educando, é preciso dar voz para o alfabetizando e, como num processo interativo, sua aprendizagem vai sendo ressignificada. Nesse sentido, nos propusemos a questionar sobre os posicionamentos dos alunos, se participavam dos círculos de diálogo e como era a representação deles.

Quadro 4 – Interação na sala de aula

A maioria dos educandos sempre gostava de falar. Ah, eles adoraavaavam esse momento. São pessoas com história de vida, na maioria das vezes, sofrida, que já tinha enfrentado sérios problemas, mas que tinham vencido. Muitas delas tinham um conhecimento muito grande de números, sabendo até resolver diversos tipos de contas de cabeça. (PAJAI-X)

Fonte: Elaborado pela autora

É interessante notar a representatividade dos alfabetizados nos momentos de diálogo em grupo. São pessoas de uma mesma comunidade e têm, entre si, uma realidade bem parecida. O que também nos chama a atenção é a habilidade desse público com os números, principalmente por se tratar de pessoas analfabetas, mas que, em virtude de suas necessidades e o próprio contexto de agricultura, aprenderam a lidar com as noções de quantidade. Neste sentido, compreendemos o que nos diz Freire (1996, p. 52) que “[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma "cantiga de ninar.””.

Enfim, acreditamos que a educação como prática de liberdade, que o ensino que forma por meio do diálogo também contribui para a experiência pedagógica do professor. Sobre o que vivenciou na alfabetização de jovens, adultos e idosos, a alfabetizadora informou que

Quadro 5 – A experiência na educação de jovens, adultos e idosos

Ah, foi muito importante para mim passar esse tempo com pessoas que têm uma experiência de vida enooooorme, na qual eu aprendi muito, muito mesmo com cada história, cada superação e cada avanço. Afinal, foi muito gratificante poder alfabetizar pessoas já adultas e idosas e que pareciam nem acreditar que teriam uma nova chance de aprender. (PAJAI-X)

Fonte: Elaborado pela autora

Assim, percebemos que educar não se trata de um ato isolado, envolve também as emoções do educador. O professor, ao passo em que ensina, também aprende e experiencia momentos que, certamente, marcam sua trajetória profissional. Afinal de contas, como afirma Freire (1996, p. 90) “É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido.”.

Conclusão

Temos enfatizado durante todo o trabalho a relevância da educação enquanto prática da liberdade, temos reforçado, ainda, a importância da alfabetização que centraliza o ensino por meio do diálogo e da interação. Para tanto, discutimos alguns dos pressupostos freirianos que vão de encontro com essas abordagens e trouxemos também reflexões sobre a prática pedagógica do alfabetizar que vai muito além do ler e do escrever.

Como apresentamos anteriormente, nosso objetivo foi trazer reflexões sobre a alfabetização de jovens, adultos e idosos e, para tanto, trouxemos para a pesquisa os estudos de Paulo Freire, bem como depoimentos de uma alfabetizadora desse público específico de alunos, afim de compreendermos como se dá o processo de alfabetização e quais as contribuições para a formação tanto dos alfabetizados como do alfabetizador.

O trabalho nos permitiu compreender o conceito de educação de adultos como uma educação que é popular, no sentido de estar relacionada com o entendimento crítico dos alfabetizadores direcionado ao cotidiano popular dos educandos. Afinal, os procedimentos didáticos adotados e os conteúdos estão relacionados com o conhecimento de mundo do grupo, o que se dá através dos círculos de diálogos.

Percebemos, assim, a necessidade de cada vez mais refletirmos essas questões inerentes às práticas educativas, sobretudo aos processos formativos de alfabetização. E, quando tratamos de alfabetizar adultos e idosos, pessoas que estão fora do contexto escolar há décadas, a situação se torna ainda mais urgente por compreendermos a complexidade que é para esses sujeitos retornar à escola dita “normal”. Enfim, o ensino e a aprendizagem são uma via de mão dupla da mesma forma que educador e educando precisam juntos superar os limites do processo educativo, bem como compreender que “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 1996, p.12).

Em suma, acreditamos que as discussões aqui apresentadas trazem importantes contribuições para as pesquisas inerentes às práticas educativas de alfabetização, especialmente de jovens adultos e idosos, bem como a forma como essas práticas necessitam ser pensadas. Esperamos também contribuir para atividades pedagógicas de alfabetizadores, no sentido de refletirem suas práticas e pensarem num ensino mais humanizador, que considere o conhecimento de mundo dos alunos e que possam assim desenvolver a aprendizagem através de um diálogo (trans)formador.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2003.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução Maria João Alvarez. Portugal: Porto Editora, 2006.

BRASIL. **Ministério da Educação: Programa Brasil Alfabetizado**. <<http://portal.mec.gov.br/programa-brasil-alfabetizado>>. Acesso em 05 de abril de 2017, às 10:50 min.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio Janeiro: Paz e Terra Ltda, 1997.

_____. **Política e educação: ensaios**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.